



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12150 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 17 - Filosofia da Educação

**TERRITÓRIO SALAS DE LEITURA E FORMAÇÃO INVENTIVA DE PROFESSORES**

Liliana Secron Pinto - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Rosimeri de Oliveira Dias - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPERJ

### **TERRITÓRIO SALAS DE LEITURA E FORMAÇÃO INVENTIVA DE PROFESSORES**

O que é uma sala de leitura? Como se dão as práticas constituintes desse território? Quem são seus habitantes e como eles o compõem? O território que temos em mente é uma sala possível, real? Seria uma utopia? Ou uma heterotopia? Como se dão, nele, as disputas entre as macro e as micropolíticas? O que se entende como leitura e formação de leitores nesse território?

Essas são algumas das perguntas que mobilizaram a pesquisa aqui apresentada. Questões que foram sendo produzidas ao longo de doze anos de atuação em salas de leitura da Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro – SME-RJ e que ainda nos mobilizam. Uma pesquisa-intervenção realizada a partir do encontro da formação inventiva (*retirado para desidentificação do texto*) de professores com as experiências de professoras de salas de leitura em um momento de efervescência das políticas públicas pelo direito ao livro, à leitura e às bibliotecas nos municípios e estados do Brasil. Foi da força desse encontro que emergiu a pesquisa “Salas de leitura e suas heterotopias como dispositivo para uma formação inventiva de professores” (*retirado para desidentificação do texto*) e a provocação do pensamento proposta neste trabalho.

As salas de leitura da SME-RJ serão pensadas, aqui, como “território”, um domínio, que, mais do que simplesmente um lugar, compõe-se de movimento, de tensões, de disputas (DELEUZE; GUATTARI, 1997). Para pensar esse movimento, alguns outros conceitos são

trazidos para a conversa, como o de “ritornelo” (DELEUZE; GUATTARI, 1997), desenvolvido pelos mesmos autores.

O ritornelo se apresenta como um movimento do caos que, por meio de forças centrípetas e centrífugas, ora se tornam um “em-casa”, ora se expandem para fora de si próprias provocando um ritmo capaz de mudar o meio. Um meio, por sua vez, existe efetivamente através de uma reprodução periódica, mas esta não tem outro efeito senão produzir uma diferença pela qual ele passa para um outro meio. É a diferença que é rítmica, e não a repetição que, no entanto, a produz; mas, de pronto, essa repetição produtiva não teria nada a ver com uma medida reprodutora (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 104).

O que eles vêm a chamar de território, posteriormente, é permeado por essa ideia rítmica, por esse movimento produzido por repetições e vibrações, que aparece quando afirmam que “o território é de fato um ato, que afeta os meios e os ritmos, que os ‘territorializa’. O território é o produto de uma territorialização dos meios e dos ritmos” (DELEUZE; GUATTARI, 1997 p. 105).

E é por entre essa “diferença rítmica”, que acontece uma sala de leitura conceitualmente. Porque existe repetição que a ultrapassa e se evidencia no próprio movimento de feitura da sala. Um conceito que vai se configurando em construção coletiva, nas experiências vividas nos contextos diversos de cada escola, influenciadas pelas políticas públicas que vão sendo criadas ou extintas, suas orientações, financiamentos e parcerias, mas sobretudo, nas diferenças produzidas no campo, nos encontros entre professores, alunos e livros atravessados pelas tensões macro e micropolíticas do território escola.

Esse movimento é trazido no artigo inicialmente numa perspectiva temporal, historicizando, a partir do início do movimento de bibliotecas infantis no Brasil, a proposta das salas de multimeios das escolas da prefeitura do Rio de Janeiro e o surgimento da proposta de salas de leitura que surge com os Centros Integrados de Educação Pública – CIEPs.

Em seguida trazemos um processo de construção de sentido vivida nos anos 2010, discussões, muitas delas, que persistem até hoje e passam por disputas diárias pelo sentido das salas de leitura e a defesa de que ela é, por princípio, o lugar da leitura literária, do encontro, da formação, da invenção e da arte, pensando como se dão as variações, as inconstâncias, que vão sendo forjadas as salas de leitura da SME-RJ, por entre livros, leituras, encontros e desencontros, fortalecimento de coletivos e de disputas. Disputas essas que, sendo realizadas nesse território, não falam só dele, mas da própria escola, da situação docente nesse contexto, da autonomia do espaço escolar, da geografia que o compõe.

Atravessando o texto, pensamos como a formação inventiva de professores (*retirado para desidentificação do texto*) com sua proposta ético, estético, política provocadora de deslocamentos (FOUCAULT, 2014, p. 70-71) e o conceito das salas de leitura podem conversar e contribuir com a produção de diferença e a invenção cotidiana desse território,

uma vez que as salas de leitura estão sempre sendo inventadas. Em ritornelo. Reforçando o que elas têm de biblioteca da escola. Trazendo para os livros os regimes de luz (DELEUZE, 1990) para que não restem dúvidas de que é por eles e com eles que enfrentamos as tentativas de esvaziamento de sentido do que seja formar leitor. Afinal, ler é um ato revolucionário. Ler é transgredir.

Não é à toa que na cidade do romance Fahrenheit 451 (BRADBURY, 2012) os principais livros queimados eram os de literatura e filosofia. Ele chega ao seu final com o personagem Guy Montag, ex-bombeiro que passa a defensor dos livros, sendo descoberto e perseguido. Na sua fuga, encontra uma comunidade de homens-livro que possuem como estratégia, manter livros decorados para que, dessa forma, eles não se percam nas fogueiras.

Hoje compreendemos que ela – a sala de leitura – é uma sala possível porque nós, no chão da escola, fabricamos essas experiências. Nós as fizemos possíveis. E as fazemos possíveis. Seríamos, assim, nós, diante das atuais perseguições aos livros, professores de sala de leitura, como os homens-livro de Ray Bradbury, capazes de manter em si o que há de essencial para que as coisas não morram?

**Palavras-chave:** educação, salas de leitura, formação inventiva de professores, escola básica, universidade.

## Referências

BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. São Paulo: Globo, 2012.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. Acerca do ritornelo. In: **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol. 4. São Paulo: Editora 34, 1997, p. 100-149.

DELEUZE, Gilles. ¿Que és un dispositivo? In: **Michel Foucault, filósofo**.

Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161. Disponível em: <https://www.escolanomade.org/2016/02/24/deleuze-o-que-e-um-dispositivo/> Acesso em: 13 set 2022.

*retirado para desidentificação do texto*

*retirado para desidentificação do texto.*

*retirado para desidentificação do texto*

*retirado para desidentificação do texto*